

JOGOS OLÍMPICOS E SOCIEDADE CAPITALISTA

Rubens Vinicius da Silva

Graduado em Ciências Sociais pela
FURB – Universidade Regional de
Blumenau/SC.

Olimpíadas... Para quem gosta de esportes, um prato cheio! Eu mesmo gosto muito de esportes, desde a infância. Mas é necessário, neste momento histórico recente, retomar algumas questões fundamentais. Antes de mais nada, os esportes são um produto histórico e social. Portanto, não estão desvinculados da totalidade das relações sociais e do conjunto das representações derivadas daí.

Pelo contrário, a produção dos chamados "atletas de alto rendimento", o investimento de diversas frações da classe capitalista em determinadas modalidades esportivas via criação dos grandes ídolos propagandistas, a naturalização da competição, dentre inúmeras características, demonstram que (em conjunto com a origem histórica dos Jogos Olímpicos modernos) a sociedade burguesa produziu as Olimpíadas visando intensificar a reprodução de um mundo à sua imagem e semelhança.

A origem histórica dos modernos jogos se dá no fim do século dezenove, bem como diversas edições foram expressão de momentos distintos da dinâmica do capitalismo: os exemplos de Munique 1933 e a tensão havida entre EUA e ex-URSS (as duas grande potências capitalistas do último século) nas edições da primeira metade dos anos oitenta são emblemáticos. Outras manifestações da relação entre as Olimpíadas e a sociedade capitalista é o espetáculo das cerimônias de abertura e encerramento: transmitidas ao vivo por diversos meios capitalistas de comunicação ao restante do

26

planeta; bem como os donos das empresas transnacionais, cujos anúncios funcionam como “retorno de investimento de capital”, revelam mais um vez que, afinal de contas, quem paga a banda escolhe a música.

Desta forma, é nítido que certos esportes são acessíveis apenas às classes privilegiadas. Alguém aí já viu uma filha da classe trabalhadora fazendo hipismo e esgrima aos fins de semana, depois de treinar tênis de segunda à sexta? Acho que não. Assim como é verdadeiro que a prática profissional de alguns deles foram e ainda são a determinação fundamental para a ascensão social de muitos jovens, o que reforça o caráter capitalista da competição (o que é uma tautologia). Além do mais, no caso de alguns esportes, a distância entre os investimentos de capital e os lucros obtidos é gigantesca no que tange à divisão sexual do trabalho.

Obviamente, isso revela que a competição não sé da somente entre capitais e estados: sobretudo no caso do futebol, nunca é demais lembrar que uma ínfima minoria consegue ter um modo de vida totalmente distinto de um trabalhador comum, que pratica o esporte aos fins de tarde ou semana. Além disso, o mesmo se observa com relação à maioria dos atletas futebolísticos, inseridos em condições de trabalho muito precárias.

Contudo, voltemos à realidade concreta das famílias trabalhadoras do estado do RJ. Para a realização dos Jogos, mais de 20 mil famílias (ou seja, algo em torno de 77 mil pessoas) foram violentamente removidas de suas casas, via repressão estatal e policial. Isso tudo com a omissão intencional do grande capital comunicacional e de quase todas as burocracias (estatal, partidária e sindical). A esmagadora maioria destas famílias tem a cor negra.

Foi criada e está sendo duramente aplicada (assim como o foi na Copa de 2014 e durante a Copa das Confederações em 2013, embora sob a fachada de "legislação de exceção") a lei antiterror, que intensifica e refina a repressão e o combate aos movimentos sociais, seus apoiadores e sobretudo aos moradores das áreas que foram destruídas para dar lugar aos megaeventos.

Revista Posição

Cabe reforçar que, assim como na Copa do Mundo, as grandes empresas capitalistas financiadoras dos jogos (estou falando dos setores do capital que mais exploram trabalhadores ao redor do globo) terão espaços privados para propaganda e venda de suas mercadorias.

Quem quiser cair nas balelas das cerimônias, que o faça de bom grado. Quem (assim como eu, que assumo meus limites e contradições reais; afinal de contas a gente vive no capitalismo...) for assistir às competições dos jogos, que assista. Mas, como nunca é demais lembrar das questões essenciais da vida em sociedade, convém pelo menos se informar acerca das diversas ações necessárias para fazer acontecer o tal "espírito olímpico".

E, para concluir, que a luta não se limite às vaias e deboches aos chefes de Estado. Que ela se alastre, assim como as tentativas de apagamento da tocha. Que possamos, efetivamente, contribuir para a constituição de uma associação humana supra continental, abolindo estados, a miséria, a exploração e a totalidade desta sociedade desumana.